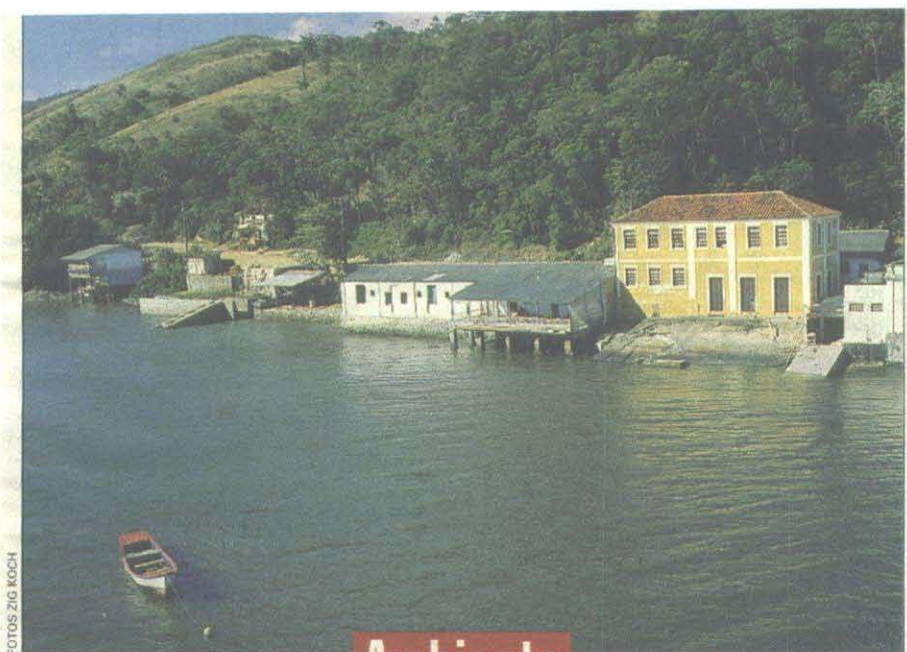
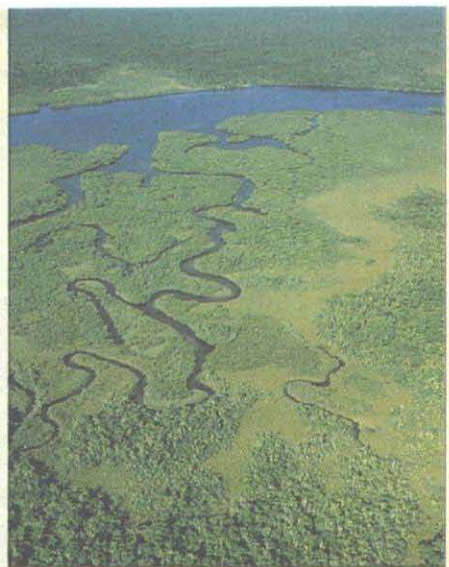


Veja
9/4/97 73
VC/KFA 35



FOTOS ZIG KOCH



Guaraqueçaba e o viveiro de espécies marinhas no lagamar: natureza rica, moradores pobres

Ambiente

Refém do verde

Uma cidade no litoral do Paraná paga caro para proteger espécies ameaçadas de extinção

Franco Iacomini, de Guaraqueçaba

Até algum tempo atrás, os 8 000 moradores de Guaraqueçaba, uma cidadezinha no litoral paranaense, eram proibidos de cortar a grama que crescia nas ruas e praças sem autorização do Ibama, o órgão do governo responsável pelo meio ambiente. O motivo: cada centímetro quadrado do município é considerado área de preservação ecológica, intocável para qualquer finalidade que não seja a proteção da fauna e da flora. Em Guaraqueçaba não se pode cultivar novas lavouras, abrir fábricas ou erguer casas de comércio. Cortar grama passou a ser permitido depois que a prefeitura fez um acordo com o Ibama isentando esse item da lista de proibições. Mas ainda é preciso autorização para podar um galho de árvore no quintal.

O caso de Guaraqueçaba é um exemplo de como a preocupação com a ecologia, levada ao exagero, pode infernizar a vida das pessoas. Ainda mais quando a tarefa é entregue a burocratas que adoram fazer catálogos de proibições. O município tornou-se um parque ecológico porque ali está situada a última grande área de mata atlântica nativa do país. É o habitat de dezes-

nas de espécies ameaçadas, como a onça-pintada e o lobo guará, e duas raridades já extintas em outras regiões: o mico-leão-da-cara-preta e o papagaio-chauá. Além disso, grande parte do território municipal está dentro do chamado complexo lagamar-estuarino, uma teia de canais, ilhotas e mangues considerada um dos mais ricos viveiros de espécies marinhas.

Direito de ir e vir — Para o Brasil, é muito importante preservar tudo isso. O problema é que, para proteger espécies ameaçadas, a própria cidade enfrenta o risco da extinção. Há no município apenas uma escola de 2º grau, um hospital com três leitos e uma única agência bancária, que desde o mês passado só funciona à tarde por falta de movimento. Guaraqueçaba sobrevive da pesca artesanal e da produção de bananas. “Quem mais sofre são os jovens, que não têm perspectiva de crescimento profissional”, lamenta o prefeito, Ademar Ussui, do PTB. “Eles estão indo embora. A

população atual é apenas um terço da que havia em 1965.”

Resolvida a questão da grama, Guaraqueçaba luta agora pelo direito de ir e vir. A única estrada existente no município é intransitável na maior parte do ano. Para viajar para outras regiões é preciso ir de barco, em travessias que chegam a durar seis horas até a cidade mais próxima, Paranaguá. A solução seria pavimentar a estrada, mas os ecologistas não deixam. Alegam que uma estrada facilitaria o acesso de madeireiros, exploradores de palmito e estimularia a pesca predatória. “Guaraqueçaba paga o preço de ter preservado as suas florestas, enquanto o resto do país destruiu o que tinha”, afirma João Capabianco, do Instituto Sócio Ambiental, uma organização não governamental, ONG, de São Paulo. “É preciso criar novos meios econômicos para a região, como o turismo ecológico.”

Atualmente, há duas soluções em andamento. A primeira é o chamado ICMS ecológico. Por uma lei estadual, o município passou a receber uma compensação por estar em área de proteção ambiental. São 85 000 reais por mês — quase a metade do orçamento municipal. Quanto à estrada, está em estudo uma proposta que prevê a pavimentação com paralelepípedos e um traçado repleto de curvas que impeça a velocidade. Para os turistas, seria um bom passeio por uma paisagem exuberante. Para os moradores de Guaraqueçaba, o fim do isolamento. ■

Onde fica



A. GARES